

ARTE FUNERÁRIA NOS CEMITÉRIOS DA QUINTA DOS LÁZAROS SALVADOR-BA

Cibele de Mattos Mendes*

Resumo: *As contestações quanto à mudança dos enterramentos das igrejas para os cemitérios no século XIX repercutiram especificamente em Salvador, cuja aceitação popular não foi das mais pacíficas. Ordens Religiosas e Irmandades resistiram quanto à fundação dos novos espaços, que representavam um movimento descristianizador, além de interferirem nos rituais de morte. Aos poucos, o distanciamento em relação às necrópoles foi diminuindo, dando lugar a novas atitudes, práticas e representações artísticas presentes nos Cemitérios do Convento de São Francisco e Venerável Ordem Terceira do Carmo.*

Palavras-chave: Cemitérios; Salvador; Arte Funerária.

INTRODUÇÃO

Os estudos até hoje realizados sobre a arte funerária no Brasil compreendem uma documentação vasta, porém dispersa e prestes a desaparecer, porque pesquisar arte funerária significa abarcar um tipo de fonte menos convencional, a fim de detectar a relação dialética entre as condições objetivas da vida dos homens e a maneira como eles a narram, vivem e expressam concretamente nos artefatos. A grande maioria é constituída de trabalhos acadêmicos, apresentando certas dificuldades de caráter metodológico, devido aos limites comuns a esse tipo de pesquisa. Mas, tem sido esses estudos que têm permitido o inventário de obras funerárias que compõem um dos estratos da escultura nacional.

O universo de possibilidades para a realização de atividades de pesquisas sobre a Arte Funerária é muito grande, cujos recortes podem ser os mais variados, porque variados são os ramos das ciências que podem adotá-la como objeto de estudo. No entanto, em Salvador, não foi identificado, até o presente momento, um estudo acurado sobre Arte Cemiterial, que reflita ou que permita conhecer o nível da produção artística baiana, revelada através de suas representações fúnebres.

A partir dessas ausências e considerando uma perspectiva de estudos para este trabalho, foi crescendo a visibilidade de rituais voltados para as representações artísticas presentes nestes espaços. Mas, o fator determinante para a escolha do objeto de estudo foi a escassez de bibliografia e informações acerca deste Conjunto Cemiterial.

Denominado de *Quinta dos Lázarus*, o cemitério localiza-se entre os bairros do IAPI, Cidade Nova e Pau Miúdo, na Cidade do Salvador–Ba. É considerado um lugar de reprodução simbólica do universo social, religioso e artístico baiano no século XIX, e palco de expressão artística e democrática dos sentimentos, desejos e emoções de membros de Ordens Religiosas, Irmandades e Associações de Classe.

O recorte espaço-temporal da pesquisa abrange desde 1850 a 1920, período considerado pelos estudiosos da Arte Funerária como “época de ouro dos cemitérios” (VOVELLE, 1989, p.257), cujas representações passaram por inúmeras influências, bem como uma espécie de exacerbação artística, vindo a refletir-se também na Bahia.

* Bacharel em Direito (UESC) e Museologia (UFBA). Mestranda em Artes Visuais - Escola de Belas Artes - UFBA. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. E-mail: cibematt@ig.com.br – Autora. Orientadora: Prof^ª.Dr^ª. Maria Hermínia Olivera Hernandez.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram utilizados diversos métodos de abordagem: Análise-síntese, predominante em todas as etapas do trabalho; Histórico, para entender as relações entre os indivíduos da sociedade e a situação religiosa que se instalou, ou se transformou. Somando-se a estes, utilizou-se o método iconográfico, capaz de identificar convenções criadas, sentimentos, mitos, motivos e elementos componentes de uma ideologia, uma espécie de representação mental coletiva retratando aspectos pontuais do cotidiano, permitindo identificar e definir as unidades e/ou objetos que são construídos ou representados, e enquanto a Iconologia, ao reunir todas essas informações, as interpreta, explicando as imagens alegóricas representadas.

O TEMA MORTE

A morte é parte natural da vida que todos deverão enfrentar um dia. Pode-se escolher dois modos de abordar a questão, enquanto se está vivo: escolhendo entre ignorar ou então olhar de frente para a perspectiva da própria morte e, pensando claramente nela, tentar minimizar o sofrimento que traz. (DALAI LAMA ;RIMOCHE, 2005, p.9)

Nos seus aspectos pessoais e sociais, há aqueles que gastam grandes somas de dinheiro, buscando dar aos mortos uma boa despedida, através de um caixão luxuoso, com o morto adereçado com roupas de luxo, jóias e maquiagens, guardados em túmulos grandiosos, ou recorrendo à cremação, combustão completa.

Na atualidade, o homem continua a angustiar-se diante da morte, criando estratégias e rituais simbólicos, para amenizar o mistério que envolve a vida quando ela cessa. É preciso rever na história um tempo em que a morte foi tida como natural, mas o que parece é que o homem tem-se distanciado dela e da própria vida. E, esquecendo de refletir sobre a vida, nega a morte, talvez por isso sofra tanto. Mas para que o indivíduo se realize, é necessário que ele deixe marcas de sua passagem, marcas estas que caracterizarão a plenitude ou o vazio de uma existência.

Dessa forma, o Cemitério converte-se num cenário de expressão da própria sociedade, refletindo a vida e a cultura a que pertence, mantendo a memória e a recordação da vida dos mortos, num contexto espaço-temporal distinto dos vivos, que pretende ser perene. Assim pensados, os Cemitérios não são espaços estáticos, mas dinâmicos (OLEA, 1987, pp.267-277). Neles se conjugam idéias sobre a vida e a morte; não é possível conceber ambos os conceitos de maneira isolada, senão como uma dualidade: a vida prevalece na cotidianidade, nas ações diárias, na intenção de obter a permanência do defunto na memória coletiva através do monumento.

Porém, nem sempre foi assim. A partir do século XVII, médicos intelectuais iluministas e alguns eclesiásticos esclarecidos, contestaram os enterramentos nas igrejas. A “morte domesticada” em que a sacralidade do território dos defuntos se inseria no centro da “ágora”, funcionando como uma garantia simbólica da salvação coletiva, foi substituída pelas prevenções de inspiração higienista, denotando um certo pendor mais racionalista, direcionado para os valores terrenos. Percebe-se, desde o início do século XIX, a intenção de erradicar os sepultamentos no interior das cidades como medida preventiva contra as doenças epidêmicas. Mas, somente com a vinda da Corte portuguesa para o Brasil, foram observadas as necessidades de mudanças, como as preocupações com a “aparência” da cidade, harmonizada com o discurso médico higienista, necessitando, dessa forma, intervir nas cidades para higienizá-las. A transferência dos sepultamentos para as zonas afastadas das áreas urbanas “moralizaria” e “civilizaria” os costumes fúnebres (CAMPOS, 1986, p.112).

As principais preocupações dos higienistas estavam ligadas à limpeza urbana, pavimentação das ruas e criação de um sistema de esgotos, de jardins, passeios públicos. Mas que as prisões, hospitais, matadouros e cemitérios - considerados um risco para a saúde pública - se localizassem na periferia das cidades (VALLADARES, 1972, p.308).

A imprensa e o saber médico contribuíram para a prevenção das doenças, recomendando a implantação de medidas higiênicas rigorosas para os mais variados espaços da cidade, dentre elas, a necessidade de transferir as sepulturas para longe dos limites da cidade, e a emergência do poder público, empenhado na adoção de medidas de salubridade, com fins de empreender seu projeto de urbanização. Mas essas idéias depararam-se com um forte muro de resistências (SIAL, 1997, p.54).

Aos poucos, a aceitação pelas necrópoles foi ocorrendo, devido ao apoio de uma parte significativa da igreja e a gradual aceitação da vigilância sanitária, assim como do poder político. No fundo, apesar da intromissão das autoridades na gestão administrativa da morte, a verdade é que a lei postulava os cemitérios como lugares sacros. Por outro lado, o cumprimento dos preceitos rituais não era inviabilizado, tornando-se somente necessária a passagem dos corpos pela igreja antes da sua entrada no cemitério (VALLADARES, 1967, pp. 151; 163).

Os cemitérios, portanto, foram submetidos a uma espécie de consagração e passaram a ser considerados como dependência eclesiástica. Com a secularização, não só os cemitérios serão localizados fora da cidade, mas também seus administradores. O cemitério tornar-se-á mais leigo e menos eclesiástico.

No caso de Salvador, uma propriedade dos jesuítas foi adquirida em 1784, conhecida como “Quinta dos Padres”, transformada em cemitério dos hansênicos em 1787, e mais tarde, em meados dos Oitocentos, veio a tornar-se cemitério público, por ocasião da Epidemia do Cólera (HAROUL, 1998, p.64).

Este Cemitério recebeu a denominação de “Quinta dos Lázaros”, e, em 1856, foi o local escolhido para a construção das grandes Ordens, Irmandades, Órgãos e Associações de Classe, que encontraram terreno para suas quadras e mausoléus coletivos. Por toda a metade do Oitocentos e começo dos Novecentos, foram construídos monoblocos para cinquenta e até cem jazigos no altiplano, em edificações de blocos separados, a fim de relevar-se a monumentalidade e a harmonia do conjunto. A influência barroca, neoclássica e o *art nouveau* são facilmente identificáveis. Alguns conjuntos de mausoléus lembram os sobrados baianos, parecendo modelar-se em proporções e detalhes do casario.

O Conjunto de Cemitérios da Quinta dos Lázaros está localizado no alto da colina da antiga Fazenda de São Cristóvão, entre os bairros Cidade Nova, Iapi e Pau-Miúdo. No topo da ladeira há uma praça formada por cinco portadas de Cemitérios, sendo eles: *Cemitério do Convento de São Francisco*; *Cemitério Venerável Ordem Terceira de São Francisco*; *Cemitério Público da Quinta dos Lázaros*; *Cemitério da Venerável Ordem Terceira do Carmo* e *Cemitério dos Israelitas*.

A atual “Quinta dos Lázaros” corresponde à maior unidade de sepultamentos de Salvador, contando com 19,2 mil m², ligados às Irmandades, sendo a Secretaria de Saúde Pública quem gerencia 33,3 mil m² de covas, destinadas especialmente ao sepultamento de indigentes egressos de hospitais públicos e do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues.

Foram selecionados, para análise sistemática, dois cemitérios particulares: *Cemitério do Convento de São Francisco* (de frades e freiras franciscanos) e *Cemitério da Venerável Ordem Terceira do Carmo* (de leigos), cuja filosofia irá interferir diretamente nas representações artísticas. Dessa forma, foram identificados e classificados túmulos representativos do entorno, partindo do critério estético, bem como a identificação dos elementos artísticos, dos artistas e artesãos que neles trabalharam.

O CEMITÉRIO DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO

Os Franciscanos que vieram para o Brasil no ano de 1549 pertenciam à Província de Santo Antônio de Portugal. Eram denominados “capuchos”, devido à forma de capuz usado por estes frades. Seguindo o processo de expansão franciscana evangelizadora no Brasil, foram

fundados conventos em Salvador, em Igarauçu, Pernambuco, na Paraíba, dentre outros, e o de Paraguaçu, na Bahia, no ano de 1649. Para se erigir uma construção, a recomendação básica dos estatutos era a que se referia ao ‘modo franciscano’, a transparecer em toda e qualquer construção dos Frades. Este “modo capucho” era a pobreza rigorosa em tudo que eles usassem: “encomenda-se muito que nos edifícios, e obras resplandeça muito a santa Pobreza, não fazendo curiosidades supérfluas, e desnecessárias” (FRAGOSO, 2004, p.34-35).

A estrutura habitual dos conventos coloniais obedecia, antes de tudo, a razões funcionais, ou seja, às exigências da vida comunitária que neles se desenvolvia. E suas igrejas que, inicialmente, procuravam expressar a “pobreza minorítica”, depois passaram, pouco a pouco, a ser expressão, sobretudo daquilo que era tão típico da época barroca em sua grandeza triunfalista: a sublimidade de Religião (FRAGOSO, 2004, p.35).

O que chama a atenção numa igreja franciscana do período barroco é a manifestação de riqueza dos ornatos, conceito este em voga para o culto divino, enquanto que no recinto interno do convento há um contraste entre o esplendor da arte, que não condiz com a pobreza seráfica, tão recomendada pelo Santo fundador, Francisco de Assis, e a pobreza que marca o espaço onde viviam os frades. Como espaço intermediário entre a igreja e o convento estava o claustro que, de algum modo, era uma certa continuação da igreja. Por isso, também no claustro se sentia o contraste de sua decoração com o restante do convento. Além do que, normalmente, o claustro servia de cemitério para os frades e alguns benfeitores de destaque (FRAGOSO, 2004, p.37).

O cerne da filosofia dos Franciscanos envolve: a oração, o trabalho, como fazer os ofícios do convento, desde a cozinha até a lavanderia; cuidar dos frades doentes, fazendo a limpeza e arrumação da enfermaria e “trabalhar com as próprias mãos”, preceito esse expresso da Regra de São Francisco. A instrução sobre a vida religiosa franciscana não devia ser apenas um discurso intelectual, mas deviam os Mestres mostrar aos Noviços, “por palavra e exemplo o caminho da perfeição Evangélica, que hão de observar”, além de “dar tudo aos pobres” (FRAGOSO, 2004, pp.32; 34-35; 37;48;49).

Não é de estranhar que o cemitério *extra-muros* dos franciscanos, construído na antiga Fazenda de São Cristóvão dos Lázaros, atualmente Quinta dos Lázaros, apresente-se com formas tão simples e decoração contida, ou elementos decorativos ostensivos, podendo-se perceber o anonimato dos sepultados como algo intencional e ideológico, estribado na filosofia da Ordem.

Sua construção data do ano de 1857, quando Frei Antônio do Patrocínio de Maria foi eleito guardião do Convento de São Francisco, sendo neste mesmo ano lançado o fundamento do Cemitério dos Lázaros, que se achou com um total de 177 carneiras: o 1º corpo de carneiros contém 129 para adultos e 48 para menores, e uma Capela toda retelhada. Em 19 de julho de 1857, recebeu a benção, e nesse mesmo ato, foi lançada a 1ª pedra com as solenidades usuais, para a edificação da capela do mesmo cemitério, dedicada ao glorioso patriarca São Francisco.

Todo o Cemitério é murado e intercalado por caveiras com tíbias, com pilares adossados, decorados com floretas, encimados por: bustos a meio corpo, urnas funerárias, com cruzeiras latinas e figuras alegóricas, complementado por gradis de ferro. Sua fachada anterior possui um frontão triangular ladeado por colunas lisas adossadas, com capitel ornado com volutas e floretas, encimado por cruz latina; em cada uma das extremidades, apresenta-se uma alegoria: do tempo e da morte (com a foice), e da imortalidade (com o cálice), tendo ao centro o Brasão da Ordem, constituído por uma cruz latina ladeada por dois braços erguidos, o de Deus e São Francisco, cruzados; no campo esquerdo do brasão, aparecem as cinco chagas, estigma do sofrimento das duas figuras; no campo direito, o globo terrestre, símbolo da ambivalência, ornado na parte externa por dois ramalhetes: um de folhas de louro, símbolo da imortalidade, e outro de amor-perfeito, símbolo da Trindade.

Para chegar-se até a Capela, há uma longa e suave subida, com muros de cada lado, intercalados por meias colunas. À esquerda da Capela há duas figuras de orantes (que intercedem pela corte celeste), um sentado com mãos postas em oração e outro ajoelhado, vulgarmente chamado de “espremedor de limão”, considerados os guardiões do lugar. Ambos os lados da

construção são compostos por colunatas, com arcadas alteadas, em cujas paredes da galeria localizam-se os ossuários e, no chão, os túmulos mais antigos em pedra-de-lioiz; na área externa das laterais dos jardins, estão divididas as quadras de Ordens e Irmandades: de sepulturas de frades franciscanos, (que atingiram a idade de 108 e 116 anos) localizadas no chão, cujo túmulo, de cimento armado, decorados por cruzes latinas estilizadas, encimadas por cruzes góticas, altas e de pontas trilobadas, simetricamente arrumadas, e por quadras de freiras do lado oposto, delimitando o espaço de cada um dos túmulos por cruzes latinas de cimento armado, apresentando base de sustentação e apenas um número de identificação.

Todo o Cemitério é pintado de branco, possuindo à direita da sua entrada, jazigos perpétuos, com características variadas: encimados com cruzes célticas e enquadradas, cercados por gradis de ferro, além de um túmulo-capela, com características medievais, apresentando quatro arcos alteados, e colunas embebidas ao pilar, apresentando-se nos capitéis, com colchetes rematados por uma folhagem em cada uma das arestas (empregados na decoração dos capitéis góticos), com pináculo em forma de pirâmide arrematando os pilares, cuja cúpula, acredita-se ter sido rematada por uma cruz. Há, também, um outro jazigo-perpétuo, cercado por gradil de ferro, na posição vertical, em mármore e encimado por uma urna funerária com pés com garras, com decoração frontal em remate de flores, simbolizando a abnegação e humildade, atado com laço ondeante, representando o poder de atar e desatar. Apresenta, em toda extensão do opérculo, decoração em folhas de acanto, simbolizando a anunciação, encimada por cruz enquadrada, presa a volutas.

Um outro jazigo-perpétuo, em mármore Carrara, na cor branca, em posição horizontal, cercado por gradil de ferro, apresenta, encimado em uma base, uma figura de Anja com características da *Art Nouveau*, devido à identificação do sexo, transparência e panejamento das vestes, sensualidade e leveza.

Nos fundos da Capela, há mais duas quadras de ossuários, jardins, cisterna e alguns túmulos com decoração que reflete os bens de consumo, como azulejos, basculhantes, etc. Neste local, há também uma espécie de oficina, onde são confeccionadas as lápides para as carneiras e cruzes para os túmulos, havendo um padrão nas decorações e cores utilizadas para aplicação nas letras inscritas, geralmente, na cor azul, além de servir como local para se fazer corbelhas de flores para serem vendidas, e uma passagem para o Cemitério da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, que também o administra.

Retornando em direção à quadra dos frades franciscanos, no final do corredor, passando e pisando nos túmulos mais antigos de pedra-de-lioiz, pode-se avistar uma espécie de monumento, na verdade um forno crematório, geralmente utilizado para a queima dos caixões, de onde foram retirados os restos mortais para serem colocados nos ossuários. Ele mais parece um obelisco, apresentando na parte anterior, uma abertura em sua base, para a colocação dos objetos a serem incinerados, e uma porta de ferro com trava, cuja moldura é decorada em cada um dos ângulos, por uma roseta, encimada por caveira com tíbias e roseta.

Acima, os seguintes dizeres: *Os nossos esperam os vossos*, novamente ornados nas extremidades por duas rosetinhas. No alto do monumento, mais uma caveira com tíbias encimada no capitel, por arremate de tecidos presos por rosetinhas, que pendem e caem nas arestas do “obelisco”. Neste ápice frontal, há a figura de um descarnado (um dos temas preferidos da morte na arte do ocidente europeu, por volta do século XIV), e, nas duas arestas duas corujas (ave dos mortos e símbolo do conhecimento religioso), apresentando a mesma decoração na face posterior. Nas duas laterais opostas, a anterior e posterior, há em cada uma delas na base, uma moldura com dois fêmures cruzados em x, tendo abaixo, e centralizada, uma roseta. Acima, uma rosetinha, encimada por um grotesco zoomórfico, apresentando em cada um dos lados uma rosetinha; no alto do monumento uma outra caveira com tíbias, encimada pelo mesmo tipo de arremate, sendo que, no ápice, aparece um busto a meio corpo, sem face, com elmo estilizado, simbolizando o poder e, às vezes, a invisibilidade.

O CEMITÉRIO DA VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DO CARMO

Segundo a legislação canônica, as Ordens Terceiras têm como base o espírito da vida entre “irmãos”, além de terem a função de exercerem alguma obra de caridade. É composta de leigos, homens e mulheres, solteiros, casados e viúvos, que se congreguem sob a mesma devoção. Foi fundada em Salvador, no dia 19 de outubro de 1635 (MARTINEZ, 1969, p.11).

Essa Ordem tinha sérias desavenças com a Ordem Primeira do Carmo, resolvendo, como não tinha igreja, construir a sua própria em 1644. Em 30 anos, construíram a igreja, a sacristia, o primeiro claustro e o antigo consistório. Os Terceiros do Carmo foram enriquecendo e contratando diversos profissionais para as suas construções, trazendo material de Lisboa e sempre crescendo. A igreja ia ficando cada vez mais rica e espalhando a sua fama, e as esmolas aumentando cada vez mais. Ainda mais, que o critério para a entrada nessa Ordem era o étnico-social (OTT, 1998, p. 22-23; 28; 30).

Diante da importância que tinha diante da sociedade, reagiu perante a Lei Provincial de 4 de junho de 1835, que vedava os enterramentos dentro das igrejas, e concedendo o privilégio a particulares, a Ordem e demais Irmandades perderam o sossego (REIS, 1998, pp. 51;53). Ora, ela havia construído em suas próprias dependências carneiras, não se conformou com a Lei. Convocou, em 24 de outubro de 1836 todas as Ordens, Irmandades e Associações de Classes, para discutirem sobre a construção do Cemitério do Campo (ALVES, 1948, p.281).

A Ordem Terceira de São Francisco não participou, mas a Ordem Terceira de São Domingos comprou a briga também. O Cemitério do Campo Santo foi inaugurado no dia 23 de outubro, e no dia 25 de 1836, uma multidão incitada, participou do levante, de visconde a escravo, todos em defesa de uma visão tradicional da morte e, sobretudo, pelas questões econômicas envolvidas. Com a Epidemia do Cólera, e o medo de contaminação, os sepultamentos dessas Ordens e Irmandades passaram a ser feitos no terreno doado pelo Governo, denominada *Quinta dos Lázaros* (REIS, 1998, pp.314-317).

O cemitério erigido pela Venerável Ordem Terceira do Carmo foi o quarto a chegar à colina, correspondendo ao menor espaço para construção também. Mas a sua disposição o faz parecer maior do que é, além do fato de ter possuído naquele período os melhores profissionais, devido à experiência que tinham em construir. Consiste num quadrado regular de cerca de 100 metros de cada lado, murado e com gradil rendilhado em toda a face. Quem vê o pórtico, pensa ter diante de si um palácio recuado, mas é tudo aparência e obra de perspectiva, porque ele não excede à espessura das carneiras, cerca de dois metros. Não passa de um muro simulando uma fachada palacial, que não chega a ser, mas que pretende ser. É idêntica à dos frontões de igrejas barrocas, que fazem supor a nave maior do que é (VALLADARES, 1967, p.122).

A sua construção une num só corpo, capela e mausoléus, e a circulação é livre para cada lado. Os mausoléus são varandas abertas, com arcadas e platibandas, enriquecidos de esculturas e ornatos, complementando o aspecto palacial. Toda a área central corresponde às quadras de campos distribuídas simetricamente ao pátio. Isso corresponde a um velho costume dos mestres-de-obras, de interpretarem os estilos e os modelos artísticos com acentuada liberdade e senso de invenção. O que há de permanente, é a atitude estética barroca, que sobrepõe-se aos ornatos e formas clássicas. Nada impede que com o pequeno espaço disponível para as carneiras, não se possa enfeitar a última morada, com flores de metal, papel, de plástico e natural. É neste Cemitério que são encontradas assinaturas dos próprios artistas nos túmulos, bem como as marmorarias a que foram encomendados.

Foram muitos os artistas que trabalharam nas Quintas, confeccionando a cinzel ou buril, tirando modelos de “livros de ornatos”, levados à pedra, à mão livre, preferindo determinados estilos e alegorias, a grande maioria com suas oficinas na Ladeira do Taboão, uma espécie de produção artística popular e ponto de contrato para serviços de todas as artes e ofícios, como:

serralheiros, encarnadores de imagens, santeiros, entalhadores de ornatos, gráficos de rótulos e folhetos, litógrafos, riscadores de milagres, poetas de populares, calígrafos e outros (VALLADARES, 1967, p.118).

Na verdade, a uniformidade do conjunto artístico das Quintas (guardando cada um a sua particularidade), não parece ser, apenas, de estilos padronizados importados, mas um entendimento entre as diversas participações “um espírito de classe”, de mestres-de-obras, marceneiros, marmoristas, entalhadores, fundidores e demais, que souberam bem reinterpretar o espaço dos mortos,

associando os velhos sobrados baianos, uniformes e serenos, avarandados ou, com jardins e gradis. Mais parecendo as suas carneiras com janelas fechadas das casas antigas de Salvador; com paninhos de renda, cantoneiras de mármore, jarros de louça, lamparinas pendentes, livros de visitas, flores, muitas flores, mas nunca parecendo um lugar que se vai para nunca mais voltar (VALLADARES, 1972, p. 118).

Este conjunto expressa o imaginário social, político, histórico, econômico, arquitetônico e artístico baiano do século XIX, posto que os seus artistas tiveram uma participação marcante e bem souberam interpretar e reinterpretar os vários estilos a que se debruçaram, imprimindo a sua personalidade nas soluções decorativas. Um lugar de reprodução simbólica e construção funerária *extra - muros*, mais antigo da Bahia, datado de 1787.

O Cemitério da Quinta dos Lázarus escapou às transformações ocorridas nas fachadas dos prédios de Salvador, quando foram demolidos e adulterados, sistematicamente, diversos sobrados e prédios baianos, civis, residenciais – setecentistas e oitocentistas - a fim de se substituir o Barroco pelo modelo importado da Europa, o Neoclássico.

Nessa época foram destruídos por se achar feios: o Velho Mercado Modelo, a Capela de Santa Bárbara, e desfiguração da fachada do Paço Municipal, além de uma série de igrejas, dentre elas, a D’Ajuda. Nesse contexto, o Conjunto presenciou todo esse curso de transformações porque passou a Bahia no início do século XX, escapando, praticamente ileso. Uma parte significativa da Bahia pode ser reconhecida e relatada por estes Cemitérios, através dos seus túmulos, lápides e mausoléus.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marieta. **História da Venerável Ordem Terceira da Penitência do Seráfico Padre São Francisco da Congregação da Bahia**. Bahia: Publicação da Mesa Administrativa de 1940 a 1942. 1948.

BORGES, Maria Elizia. **Os artistas-artesãos e a escultura simétrica em Ribeirão Preto: R. Italianística**. São Paulo, v.3, n.3, 1995.

FRAGOSO, Hugo. **São Francisco do Paraguaçu. Uma história sepultada sob ruínas**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo. 2004.

HAROUL, J-L. **História do urbanismo**. São Paulo: Papyrus, 1998.

MARTINEZ, Socorro Targino. **Ordens Terceiras: Ideologia e Arquitetura**. Salvador: Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia, 1969.

OLEA, Oscar, **Arquitectura funeraria hoy en De la Fuente**, v.2, 1987.

OTT, Carlos. **Atividade Artística da Ordem Terceira do Carmo da Cidade do Salvador e de Cachoeira (1640-1900)**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo. Fundação Cultural, EGBA, 1998.

REIS, João José. **A Morte é uma festa. Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

RIMPOCHE, Sogyal. **O livro tibetano do viver e do morrer**. São Paulo: Palas Athena, 1999.

SIAL, Vanessa Viviane de Castro. **Das igrejas ao cemitério: políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX**. São Paulo, 2005.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Riscadores de Milagres**: Publicação da Superintendência de Difusão Cultural da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, 1967.

_____. **Arte e Sociedade nos cemitérios brasileiros**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

VOVELLE, Michel. **Immagini e immaginario della storia**. Roma: Editori Riuniti, 1989.